

Unita: princípio do fim

A África do Sul deixou de colocar como condição que a organização terrorista Unita participe de negociações globais com vista a obter um acordo de paz na África Austral, escreveu o semanário português *O Jornal*, na sua edição de 8 de abril. Segundo a publicação, "a nova posição do governo de Botha, que não foi comunicada oficialmente, parece confirmar a idéia de que o regime do *apartheid* poderia deixar cair a Unita". Até o término desta edição, tal revelação ainda

não tinha sido confirmada, nem desmentida, em Luanda.

Seja como for, a informação do referido semanário coincide com as notícias, provenientes de Washington, segundo as quais a própria Casa Branca estaria disposta a abandonar a organização chefiada por Jonas Savimbi (ver edição anterior). No princípio de abril, o porta-voz da Unita na capital portuguesa declarou à televisão local que os Estados Unidos já tinham suspendido o apoio aos contra-revolucionários angolanos.

Divisões — A resistência de Angola no terreno militar, que impediu a ocupação de novas localidades dentro do país pelas tropas sul-africanas, onde Pretória visava instalar a Unita, tem sido o fator determinante para frustrar os planos do regime do *apartheid* no sentido de impor os homens de Savimbi como interlocutores legítimos no processo de negociações na África Austral.

O malogro dessa tentativa começa a produzir efeitos desagregadores dentro da Unita. De

acordo com o diretor do Instituto Sul-Africano de Estudos Soviéticos da Universidade de Stellenbosch, Philip Nel, os *contras* angolanos estão cada vez mais divididos numa série de facções, que passaram a contestar a autoridade de Jonas Savimbi. Esses conflitos no interior da Unita, acrescentou o especialista sul-africano, são acompanhados desde há algum tempo por acadêmicos americanos, próximos dos serviços de inteligência, em especial da CIA.

EDITORIAL

Africanólogos, soviétólogos etc.

As conversações de paz na África Austral, tendo, de um lado, os governos de Angola e Cuba, e, do outro, o regime da África do Sul, servindo os Estados Unidos de intermediários (ver edição anterior), têm sido objeto de uma sistemática atividade de desinformação e desprestamento, cuja responsabilidade deve-se imputar, desde logo, aos serviços de propaganda de Pretória. Lamentavelmente, elementos desinformados ou, pior ainda, movidos por interesses escusos, contribuem, aqui e ali, para essa atividade, que só interessa ao *apartheid*. Com frequência, tais indivíduos apresentam-se como "especialistas" e "conhecedores" profundos da situação na parte sul da África e, de quebra, do conflito Leste-Oeste. São os "africanólogos" e "soviétólogos", que, na verdade, funcionam como meras caixas de ressonância da propaganda sul-africana.

São duas as direções principais da campanha de desinformação desencadeada por Pretória em torno das conversações na África Austral. A primeira pode

ser detectada a partir de uma série de "informações" que visam confundir o papel da União Soviética na região. Desde a "revelação" de pretensos encontros secretos entre governantes soviéticos e sul-africanos, até a conclusão, após "apuradas" análises, de que as negociações de paz finalmente começaram a andar porque o líder Mikhail Gorbachev está disposto a retirar-se da África Austral — enfim, todos os recursos são utilizados para induzir a opinião pública a acreditar que a fonte dos problemas na região meridional da África está a milhares de quilômetros de distância, na longínqua União Soviética, e não na política interna e externa do *apartheid*. Quanto à segunda direção dessa campanha desinformadora, seu objetivo é fazer crer que a organização terrorista Unita também tem participado das conversações, mediante a divulgação de falsos contatos entre o governo angolano e os homens de Savimbi.

A posição soviética em relação ao conflito na África Austral foi reafirmada com muita clareza

em março último. Além de ter desmentido categoricamente quaisquer encontros com os representantes sul-africanos, Moscou recordou que as causas da situação de tensão na região austral do continente são a existência do *apartheid*, a ocupação ilegal da Namíbia pela África do Sul e as agressões de Pretória aos países vizinhos, em especial a Angola e Moçambique. No dia 24 de março, o ministro soviético dos Negócios Estrangeiros, Eduard Shevardnadze, declarou em Lisboa que a ajuda militar de seu país a Angola não iria ser revista. Um dia antes, em Harare, um dos vices de Shevardnadze, Vladimir Petrovsky, afirmou que a União Soviética está disposta a contribuir para a solução pacífica dos problemas da África Austral, mas não aceita desempenhar o papel de mediadora, pois, além das relações diplomáticas normais com os países da região, não mantém interesses no subcontinente.

É bom lembrar que, apesar das agressões e da feroz campa-

nha de desinformação de que é alvo por parte de seus inimigos, todas as iniciativas de paz partiram de Angola. Para tal, não foi necessário esperar a subida de Gorbachev ao poder. A Resolução n.º 435 das Nações Unidas acerca da independência da Namíbia, aprovada em 1978, por exemplo, surgiu de uma iniciativa do falecido presidente angolano Agostinho Neto. Por outro lado, desde 1982 que Angola tem aceitado conversar com os Estados Unidos sobre os problemas regionais (ver edição anterior). Também já se sentou à mesa de negociações com a África do Sul e está disposta a voltar a fazê-lo, se Pretória prescindir formalmente da mediação americana. O país tem mostrado desde sempre, como se vê, uma inequívoca, autônoma e soberana disposição para a busca de soluções negociadas para a situação na África Austral. Mas que não se iludam os "africanólogos" ou "soviétólogos" de plantão: Angola jamais assinará qualquer acordo que não garanta a sua segurança e integridade territorial.

Dia da Juventude Angolana

Em 14 de abril, foi comemorado em Angola o Dia da Juventude. A data foi instituída para homenagear o antigo guerrilheiro do MPLA, Agostinho Mendes de Carvalho, conhecido pelo nome de guerra de Hoji Ya Henda e considerado o símbolo maior dos jovens combatentes angolanos. Este ano, a comemoração coincide com a intensificação das agressões militares de Pretória, às quais a juventude angolana tem sabido responder com eficácia e determinação. Essa simbólica coincidência foi notada pela direção política do país, que exaltou as vitórias alcançadas em Cuito Cuana-vale, a principal frente da guerra contra os invasores sul-africanos, "onde se tornaram para sempre célebres os atos de dignidade, firmeza e valentia de jovens fiéis às tradições de luta do povo angolano", segundo um comunicado do Birô Político do MPLA-Partido do Trabalho a propósito do 14 de Abril.

O documento traça ainda um perfil de Hoji Ya Henda, que morreu há 20 anos, durante um ataque dos guerrilheiros do MPLA a um quartel português em Kari-pande, província de Moxico, no leste de Angola. Talentoso chefe político e militar, ele contribuiu ativamente para a abertura da chamada Frente Leste, na fronteira com a Zâmbia, em maio de 1966, acontecimento que marcou definitivamente a expansão da luta armada conduzida pelo MPLA no interior do país. Quando morreu, em combate, era o principal chefe militar da organização. "Hoji Ya Henda dedicou o melhor da sua vida à Revolução e simboliza a fidelidade dos jovens revolucionários angolanos à causa da independência nacional" — assim a declaração do MPLA sintetiza a sua figura.

Importância — Hoji Ya Henda é igualmente o patrono da JMPLA-Juventude do Partido, a organização juvenil angolana. A importância do papel dos jovens na defesa e consolidação da Revolução é habitualmente destacada pelos órgãos dirigentes do país. Essa importância resulta do fato de Angola ser um país muito jovem: 42% da população tem menos de 15 anos de idade e somente 4% atingiu os 60 anos, o que significa uma idade média de 18,6 anos.

Então



*Hoji
Ya Henda,
herói da
Revolução,
símbolo dos
jovens
combatentes*

O presidente José Eduardo dos Santos, ele próprio antigo dirigente juvenil, tem sublinhado em diversas oportunidades que uma das principais tarefas da direção política do país é "a mobilização, o enquadramento e a educação da juventude". Na guerra ou na produção, são os jovens que estão na primeira linha. Também são jovens aqueles que nas escolas, institutos e faculdades se preparam para administrar o país. Por isso, Eduardo dos Santos acha imprescindível "despertar o entusiasmo da juventude angolana, mobilizá-la e enquadrá-la num vasto movimento de trabalhadores dispostos a transformar os campos, as fábricas, os mares, os rios em fontes de riqueza para todos".

Críticas — Apesar de sua reconhecida importância, o trabalho juvenil em Angola ainda apresenta muitas deficiências. Há precisamente um ano, discursando na cerimônia de encerramento do 2.º Congresso da JMPLA, o presidente José Eduardo dos Santos fez severas críticas à atividade dessa organização que, conforme disse, "não in-

fluiu como devia na reconstrução econômica do país e na edificação das bases materiais e técnicas do socialismo".

Embora tenha reconhecido a necessidade de elevar o grau de organização, a ordem e a disciplina interna do movimento juvenil, o presidente angolano foi enfático, quando afirmou que isso não deve inibir a sua iniciativa e a originalidade no tratamento dos problemas. "Deve-se evitar o formalismo em excesso e a burocracia, assim como a reprodução mecânica das soluções e métodos de trabalho de organizações e pessoas mais adultas, que muitas vezes já demonstraram na prática a sua ineficácia", alertou Eduardo dos Santos.

Ele exortou os órgãos diretivos da JMPLA a aproveitar a energia natural, o vigor e a imaginação dos jovens e não intimidá-los com aparatos rígidos. A organização juvenil, afirmou, deve preocupar-se menos com certos formalismos e buscar formas mais simples e diretas de mobilização e enquadramento dos jovens.

ANGOP

AGÊNCIA ANGOLA
PRESS

Diretor Geral:

Júlio Guerra

Diretor de Informação:

Avelino Miguel

Diretor Técnico:

José Abreu de Oliveira

Sede Central

Rua Rei Katavala, n.º 120

Telefone: 334-593

Telex: 4160 ANGOP

AN — Luanda

República Popular de

Angola

Sucursais

Brasil

Diretor:

Aníbal João Melo

Diretor Adjunto:

Felísberto Costa Filho

Endereço:

Rua Álvaro Alvim,

31/501, CEP 20031,

Centro, Rio de Janeiro

Telefone:

(021) 220-9439

Telex: (021) 32462

ANBL BR

Portugal (Lisboa)

Diretor:

Nazareth Van-Dünen

Telefone: 533-704

Telex: 42758 ANGOPP

Grã-Bretanha (Londres)

Diretor:

Élio Gamboa

Telefone: 493-1611

Telex: 295813 ANGOP G

Correspondentes:

António Santana, (Harae),

Conceição Luanda (Berlim),

Filipe Muakasso (Praga), José

Chimuco (Havana), José

Wolo Kossi (Brazzaville),

Vasco Correia (Moscou)

ANGOLANA

Editor: Aníbal João Melo

Redação: Carlos Augusto de Oliveira Lima e

Felísberto Costa Filho

Pesquisa: João Belizário

Diagramação: Fábio Dupin

Arte-Final: Fernando de Oliveira

Composição e Impressão:

Editora Lidador Ltda.

Prossegue a agressão sul-africana

A pesar de todas as tentativas para ocupar Cuito Cuanavale terem sido repelidas pelas tropas angolanas, a África do Sul insiste em tomar a localidade, estrategicamente situada na província de Kuando Kubango (sudeste de Angola). A eventual captura da cidade seria importante para os planos sul-africanos de chegar até a ferrovia de Benguela, no centro do país. Os observadores militares não descartam a possibilidade de Pretória ter como objetivo, a médio prazo, a divisão territorial de Angola.

A última grande batalha à volta de Cuito Cuanavale ocorreu no período compreendido entre os dias 18 e 23 de março, quando os invasores perderam dezoito homens, além de cinco tanques do tipo Centurion (um deles intacto), obuses de artilharia e documentos. Na investida, a África do Sul utilizou três colunas mecanizadas, entre elas o Batalhão 91, dois batalhões de tanques, um deles da 82.ª Brigada Mecanizada, e mais sete batalhões regulares. Segundo o tenente-coronel Ngueto, da 6.ª Região Militar (província de Kuando Kubango), os sul-africanos foram travados a 640 metros das primeiras linhas defensivas do exército angolano e obrigados, mais uma vez, a recuar.

Persistência — As informações de Angola sobre os combates ocorridos em Cuito Cuanavale nos últimos dias de março foram confirmadas, embora parcialmente, pela África do Sul, cujas autoridades militares admitiram ter perdido um tanque “no sudoeste de Angola”. Ao mesmo tempo, o jornal *Cape Times*, da cidade do Cabo, informava que a 82.ª Brigada Mecanizada tinha participado nos referidos combates com 40 tanques. Deve-se notar que essa brigada é uma das unidades de elite do exército sul-africano, ligada ao regimento presidencial, e sua presença em Kuando Kubango é uma demonstração do grau superior do atual envolvimento militar sul-africano no país.

Entretanto, ao mesmo tempo que mantém a pressão sobre Cuito Cuanavale, as tropas de Pretória têm aumentado também as ações nas províncias do Cunene e da Huila, no sul de Angola. Segundo o ministro angolano da Defesa, coronel-general Pedro Maria Tonha (Pedalé), o objetivo dessas ações é atrair as unidades governamentais para vários locais ao mesmo tempo, forçando-

Enfote



Tanque sul-africano capturado em Cuito Cuanavale

as a descuidarem-se da proteção dos pontos estratégicos, como Cuito Cuanavale, além de tentar abrir novos corredores de infiltração para os homens da Unita.

A persistência dos intuítos bélicos da África do Sul em relação a Angola pode ser percebida, também, na recente decisão dos governantes de Pretória de aumentar o orçamento militar do país em 22,6%, totalizando este ano o montante de 3,8 bilhões de dólares. O professor sul-africano Mike Hough, perito em estudos estratégicos da Universidade de Pretória, denunciou que esse aumento está ligado aos planos do governo de intensificar as agressões contra Angola, para onde tem sido enviado, nos últimos meses, o mais sofisticado equipamento militar existente fora das tradicionais grandes potências.

Israel — A África do Sul não está sozinha na sua agressão contra Angola. Pelo menos 200 assessores israelenses operam ao lado do exército sul-africano no norte da Namíbia e no sul do território angolano, conforme revelação da publicação britânica *Southscan*, feita no início de abril. A revista acrescenta que alguns desses técnicos estiveram envolvidos nos recentes ataques aéreos à cidade de Lubango, capital da província da Huila, em meados de fevereiro.

Segundo a *Southscan*, é de 600 o número total de assessores

israelenses que, desde 1975, colaboram com Pretória nas agressões contra Angola. A publicação cita o acadêmico Benjamim Ben Hallahmi, da Universidade de Haifa, como tendo dito que Israel colabora com a África do Sul desde a primeira grande invasão do território angolano, há treze anos. O acadêmico acaba de publicar em Londres um livro a respeito do assunto, chamado *A conexão israelita*, no qual afirma, por exemplo, que “Israel é fonte das ousadas operações de comando realizadas pela África do Sul, tanto em termos de inspiração ideológica, como de tática militar”.

As revelações da *Southscan* confirmam denúncias anteriores feitas em março pelo boletim *Africa Analysis*, também britânico, com base em fontes ligadas aos serviços de inteligência norte-americanos. O referido boletim disse que os bombardeios à cidade de Lubango foram réplica de uma ação similar realizada contra a Síria, por Israel.

Unita — Enquanto os próprios sul-africanos começam a confirmar o seu envolvimento militar em Angola, a Unita ainda teima em propagar que combate sozinha contra o exército angolano. Foi isso, pelo menos, o que o chefe dessa organização, Jonas Savimbi, declarou ao jornalista brasileiro Ricardo Arnt, do *Jornal do Brasil*, que visitou recentemente os acampamentos da Unita, com um visto sul-africano

obtido em Lisboa, conforme sua revelação. Contraditoriamente, porém, Savimbi admitiu a presença de soldados sul-africanos “a oeste de Cuito Cuanavale”, mas não explicou o que eles estão fazendo na região.

Para além da propaganda e de todo o esforço de relações públicas dos *contras* angolanos, os combates que há mais de sete meses são travados na província de Kuando Kubango têm servido para confirmar o papel meramente acessório da Unita. A envergadura dos combates e os meios utilizados atestam essa avaliação, feita desde o primeiro momento pelas autoridades angolanas e endossada por observadores independentes, que sabem perfeitamente que os homens da Unita não possuem canhões G-5 ou G-6, não tripulam tanques Centurion, nem pilotam aviões.

A função de simples *carne-para-canhão* dos homens de Savimbi ficou comprovada na batalha ocorrida à volta de Cuito Cuanavale entre 18 e 23 de março. Quando foram obrigados a recuar, depois de um intenso combate de artilharia, que durou mais de quinze horas, os soldados sul-africanos mataram numerosos elementos da Unita, a maior parte deles esmagada pelos tanques em fuga. A televisão angolana, que esteve na cidade pouco depois da batalha, mostrou os corpos de vários desses contra-revolucionários mortos pelos sul-africanos.

SOLIDARIEDADE

África — Os países da Linha de Frente apóiam as propostas de Angola para a assinatura de um acordo de paz na África Austral. Essa posição foi expressa na última cimeira da organização, realizada em Lusaca (Zâmbia), no dia 24 de março. Um dia depois, em Lomé (Togo), representantes dos países da África, Caribe e Pacífico (ACP) e do Parlamento Europeu exigiram a retirada incondicional das forças sul-africanas de Angola, assim como a cessação dos atos de agressão e desestabilização realizados por Pretória. Em Harare (Zimbábue), o Conselho de Interação, um organismo internacional não-governamental constituído por personalidades de expressão mundial e chefiado pelo ex-chanceler alemão-ocidental Helmut Schmidt, exortou o governo sul-africano a aceitar o acordo com Angola e Cuba, tendo os Estados Unidos como intermediários.

Europa — As agressões sul-africanas a Angola foram conde-

nadas em Montreuil (França), durante uma jornada de apoio aos países da Linha de Frente, no mês passado. Por seu turno, a ex-primeira-ministra de Portugal e atual deputada do Parlamento Europeu, Maria de Lourdes Pintassilgo, condenou as tentativas de divisão territorial de Angola, por parte do regime do apartheid.

EUA — O Conselho de Coordenação Antiapartheid, uma organização civil norte-americana, manifestou-se contra o apoio dos Estados Unidos à organização terrorista Unita. Presidido pelo conhecido líder sindical Cleveland Robinson, o Conselho exigiu ainda a aplicação da Resolução n.º 435 da ONU sobre a independência namibiana. Já o *The New York Times*, em artigo publicado em 24 de março, criticou o silêncio da administração Reagan perante a atual invasão de Angola pelo exército da África do Sul.

ECONOMIA

FMI — Uma delegação do Fundo Monetário Internacional esteve em Luanda a fim de recolher dados para fixar a cota de Angola, que pediu recentemente ingresso na organização, com o apoio das principais potências da Europa Ocidental. Chefiada pelo responsável do Fundo para a África Oriental, Jimmy Nez, a delegação deve elaborar um relatório, a ser entregue ao respectivo diretório. Caso se venha a concretizar o ingresso de Angola no FMI, o país vai receber 200 milhões de dólares em dinheiro novo, para apoiar o programa de mudanças na economia.

Exportações — Angola faturou no ano passado perto de 620 milhões de dólares com as exportações de petróleo e gás natural só a partir da província de Cabinda, o que representou um aumento de 50% em relação ao ano anterior. O mesmo não aconteceu com as madeiras, que tiveram um decréscimo de 20%, devido, segundo o responsável local do Ministério do Comércio Externo, Lourenço Lanzi, à falta de espécies raras, muito procuradas pelos clientes internacionais. Em 1987, enquanto o petróleo foi vendido principalmente para os Estados Unidos e Brasil, os maiores clientes das madeiras foram Cuba e Bulgária.

CULTURA



Uanhenga Xitu

Línguas — Quatro línguas africanas faladas em Angola (umbundu, kikongo, mbunda e kimbundu) terão brevemente suas gramáticas técnicas, anunciou o diretor interino do Instituto Nacional de Línguas, Zavony Ntongo. Estão também em estudo léxicos temáticos naquelas línguas sobre agricultura, assuntos sociais, educação e saúde.

Tamoda — Os romances *Mestre Tamoda* e *Discursos do Mestre Tamoda*, do escritor Uanhenga Xitu, foram lançados em um só volume, em inglês, na Inglaterra e nos Estados Unidos. Em menos de um mês, já foram vendidos 4.500 exemplares de uma tiragem de 7 mil. Uanhenga Xitu é o pseudônimo literário de Agostinho Mendes de Carvalho, atual embaixador de Angola na República Democrática Alemã.

COOPERAÇÃO

Portugal — Um programa de ação na área da saúde válido por dois anos foi assinado, mês passado, em Luanda, entre Angola e Portugal. O programa prevê a ida de médicos portugueses para Angola, a assistência aos principais hospitais angolanos, a formação de quadros angolanos e o acolhimento de doentes em Portugal.

Itália — A empresa italiana CTIP começa a construir este

ano em Cabinda, extremo-norte de Angola, um terminal oceânico de combustíveis, orçado em 28 milhões de dólares, cuja capacidade será de 1.500m³ de gasolina, 500 m³ de petróleo iluminante, 600 m³ de Jet-A 1, 3 mil m³ de gásóleo e 200 m³ de gás butano. O projeto será realizado com um financiamento italiano, reembolsável em vinte anos, com juros anuais de 1,5%, e um período de carência de dez anos.

ENERGIA

Aldeia solar — A primeira aldeia solar em Angola será construída na localidade de Lufinda, província da Huila (sul do país), até o final deste mês. O projeto, no valor de 120 mil dólares, contempla a montagem de uma bomba de água fotovoltaica, com capacidade para aspirar 40 mil metros cúbicos diários, a construção de um tanque de reserva e a ins-

talação de um refrigerador de vacinas para servir o posto médico. Serão ainda montados quatro postes de iluminação pública, eletrificados doze casas e instalado um sistema de televisão para os 190 alunos da única escola local. Lufinda tem uma população de 3 mil habitantes e é uma região de grande potencial agropecuário.

ANGOLA, TERRA DA LIBERDADE



TAAG

LINHAS AÉREAS DE ANGOLA
A Serviço da Reconstrução Nacional

TAAG — Av. Presidente Vargas 542/1603
Telefones: 263-9711, 263-4988 e 263-4911
Telefones no Aeroporto Internacional: 398-3112 e 398-3113